

TESOURO EM VASOS DE BARRO: OS PROPÓSITOS DE DEUS NAS ADVERSIDADES EM II CORÍNTIOS 4:7-15

TREASURE IN JARS OF CLAY: GOD'S PURPOSES IN ADVERSITIES IN 2 CORINTHIANS 4:7-15

Emille Raulino de Barros¹

Ângela Reiner Alves²

Eduardo Leandro Alves³

Resumo: A experiência do sofrimento humano constitui uma das temáticas mais recorrentes nas Escrituras Sagradas e ocupa posição central na teologia paulina. Em II Coríntios 4:7-15, o apóstolo Paulo apresenta uma reflexão acerca da fragilidade humana e da ação soberana de Deus por meio da conhecida metáfora do “tesouro em vasos de barro”, enfatizando que o poder divino se manifesta em meio às limitações, perseguições e adversidades enfrentadas pelos servos de Deus. O presente estudo tem como objetivo compreender os propósitos de Deus nas adversidades a partir da análise exegética da perícopes de II Coríntios 4:7-15. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida me-

1 Doutoranda e Mestra em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Fisioterapia Cardiorrespiratória pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), em Saúde da Família pela Faculdade Integrada de Patos (FIP) e em Saúde Pública pela UFPB. Graduada em Fisioterapia pelo UNIPÊ e em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB (FAECAD).

2 Pós Graduada em Estudos da Bíblia pela Faculdade EST; Especialista em Coordenação Pedagógica pela FIPE. Licenciada em História pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Formação em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (FLT, São Bento do Sul, SC); Bacharel em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS).

3 Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdades EST (Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS). Pós graduado em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica pela Universidade Gama Filho. Mestre em Missiologia (Intracampus) pelo Seminário Batista de Educação Cristã (SEC-Recife). Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Formação em Preparo Missionário pelo Ministério JUPEV. Professor da Pós Graduação (EAD) da Faculdade Cristã de Curitiba - FCC. Professor da Pós Graduação da Faculdade Cidade Teológica Pentecostal, Fortaleza, CE



diante abordagem exegetica fundamentada no método histórico-gramatical, utilizando comentários bíblicos, léxicos da língua grega, dicionários teológicos e obras especializadas sobre o contexto da epístola. Os resultados demonstram que Paulo compreende as adversidades não como evidências do abandono divino, mas como instrumentos pelos quais Deus revela sua graça, fortalece a fé, manifesta o poder da ressurreição e promove o crescimento espiritual dos crentes. A análise evidencia ainda que a metáfora dos vasos de barro ressalta a condição humana marcada pela fragilidade, enquanto o tesouro representa o evangelho e a glória de Deus revelada em Cristo. Conclui-se que o sofrimento, à luz da teologia paulina, possui finalidade redentora e pedagógica, contribuindo para o amadurecimento da fé e para a manifestação da glória divina na vida dos cristãos.

Palavras-chave: II Coríntios. Adversidades. Sofrimento cristão. Exegese bíblica. Teologia paulina.

Abstract: Human suffering is one of the most recurrent themes in the Holy Scriptures and occupies a central position in Pauline theology. In 2 Corinthians 4:7-15, the apostle Paul presents a reflection on human frailty and God's sovereign action through the well-known metaphor of the "treasure in jars of clay," emphasizing that divine power is manifested amid the limitations, persecutions, and adversities faced by God's servants. This study aims to understand God's purposes in adversities through an exegetical analysis of 2 Corinthians 4:7-15. It is a bibliographical study developed through an exegetical approach based on the historical-grammatical method, using biblical commentaries, Greek lexicons, theological dictionaries, and specialized works concerning the context of the epistle. The findings demonstrate that Paul understands adversities not as evidence of divine abandonment, but as instruments through which God reveals His grace, strengthens faith, manifests the power of the resurrection, and promotes believers' spiritual growth. The analysis further shows that the metaphor of jars of clay highlights the fragile human condition, while the treasure represents the gospel and the glory of God revealed in Christ. It is concluded that suffering, in Pauline theology, has a redemptive and pedagogical purpose, contributing to the maturation of faith and to the manifestation of God's

glory in the lives of Christians.

Keywords: 2 Corinthians. Adversities. Christian suffering. Biblical exegesis. Pauline theology.

INTRODUÇÃO

A experiência do sofrimento acompanha a humanidade desde os primórdios da história e constitui uma das questões mais desafiadoras para a reflexão teológica. Ao longo das Escrituras, homens e mulheres de fé enfrentaram adversidades de diferentes naturezas, incluindo perseguições, enfermidades, perdas, injustiças e aflições emocionais. Nesse contexto, a compreensão do sofrimento não se limita à dimensão humana da dor, mas envolve a busca pelo significado espiritual das provações à luz da soberania e dos propósitos divinos.

No Novo Testamento, a temática das adversidades ocupa lugar de destaque, especialmente nos escritos do apóstolo Paulo. Entre as diversas experiências relatadas por ele, destacam-se os sofrimentos decorrentes do exercício do ministério apostólico, marcados por perseguições, prisões, açoites, naufrágios e constantes ameaças à própria vida (Kruse, 1994; Lopes, 2007). Entretanto, longe de interpretar tais circunstâncias como sinais de fracasso ou abandono divino, Paulo as compreende como oportunidades para a manifestação do poder de Deus em meio à fragilidade humana.

Essa perspectiva é particularmente evidente em II Coríntios 4:7-15, perícopes na qual o apóstolo utiliza a expressão “tesouro em vasos de barro” para ilustrar a relação entre a grandeza do evangelho e a limitação daqueles que o proclamam. A metáfora estabelece um contraste entre a preciosidade do tesouro, representado pela revelação de Deus em Cristo, e a fragilidade dos vasos de barro, símbolo da condição humana marcada por fraquezas e vulnerabilidades (Champlin, 2014; Kruse, 1994). Por meio dessa imagem, Paulo enfatiza que a excelência do poder pertence exclusivamente a Deus e não aos seres humanos.

Além da metáfora dos vasos de barro, o texto apresenta uma sequência de paradoxos que

sintetizam a experiência cristã diante do sofrimento: “atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2 Co 4:8-9). Tais expressões revelam uma dinâmica teológica na qual a ação divina sustenta o crente em meio às adversidades, permitindo que a fraqueza humana se torne palco para a manifestação da graça e do poder de Deus (Horton, 2006; Greathouse; Metz; Carver, 2006).

A relevância desse texto transcende o contexto histórico da igreja de Corinto e permanece atual diante das múltiplas formas de sofrimento experimentadas pelos cristãos contemporâneos. Em uma sociedade marcada pela busca constante por sucesso, estabilidade e ausência de dor, a mensagem paulina oferece uma compreensão distinta das adversidades, apresentando-as não apenas como experiências inevitáveis da existência humana, mas também como instrumentos que podem contribuir para o crescimento espiritual, o fortalecimento da fé e a manifestação da glória divina.

Diante dessa perspectiva, emerge o seguinte questionamento: quais são os propósitos de Deus nas adversidades, segundo a compreensão teológica apresentada por Paulo em II Coríntios 4:7-15? A partir dessa problemática, o presente estudo tem como objetivo compreender os propósitos de Deus nas adversidades à luz da análise exegética da referida perícopa, investigando a relação entre sofrimento, fragilidade humana, fé e ação divina na experiência cristã.

Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter exegético, fundamentada no método histórico-gramatical, buscando interpretar o texto a partir de seu contexto histórico, literário e teológico. Espera-se que a reflexão proposta contribua para uma compreensão mais aprofundada da teologia paulina do sofrimento e para o fortalecimento da fé cristã diante das adversidades da vida.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de uma abordagem exegética do texto bíblico de II Coríntios 4:7-15. A pes-

quisa teve como objetivo compreender os propósitos de Deus nas adversidades a partir da análise do discurso paulino, considerando os aspectos históricos, literários, linguísticos e teológicos presentes na perícopes em estudo.

Para a realização da exegese foi utilizado o método histórico-gramatical, amplamente empregado nos estudos bíblicos por possibilitar a interpretação do texto a partir de seu contexto original, considerando elementos históricos, culturais, literários e gramaticais que contribuam para a compreensão da intenção do autor e do significado do texto para seus primeiros destinatários (Stein, 1999; Harvey, 2007).

Inicialmente, procedeu-se à análise do contexto histórico da cidade de Corinto, da formação da igreja cristã local e das circunstâncias que motivaram a redação da Segunda Epístola aos Coríntios. Posteriormente, foi realizada a análise do contexto imediato da perícopes, observando sua relação com a temática do ministério apostólico, dos sofrimentos de Paulo e da manifestação do poder de Deus por meio da fragilidade humana (Kruse, 1994; Horton, 2006).

Em seguida, foram examinadas palavras e expressões consideradas centrais para a compreensão do texto, especialmente os termos gregos relacionados às expressões “tesouro”, “vasos de barro”, “atribulados”, “perplexos”, “perseguidos”, “abatidos”, “fé” e “graça”. Para essa etapa, foram consultados léxicos, dicionários bíblicos e obras especializadas da língua grega do Novo Testamento, buscando identificar o campo semântico das palavras e sua aplicação no contexto da epístola (Friberg; Friberg, 2006; Mounce, 2012; Gingrich; Danker, 2015; Rienecker; Rogers, 1995).

Além da análise lexical, foram utilizados comentários bíblicos e obras de teologia do Novo Testamento para subsidiar a interpretação dos textos e estabelecer diálogo entre diferentes perspectivas exegéticas e teológicas acerca do sofrimento cristão, da fé e da ação divina nas adversidades (Champlin, 2014; Lopes, 2007; Greathouse; Metz; Carver, 2006; Douglas, 2012).

Por fim, os dados obtidos foram organizados e interpretados de forma descritiva e analítica, permitindo a construção de uma reflexão teológica acerca dos propósitos de Deus nas adversidades à luz da experiência apostólica de Paulo relatada em II Coríntios 4:7-15.

TESOURO EM VASOS DE BARRO: A FRAGILIDADE HUMANA E A EXCELÊNCIA DO PODER DE DEUS

A metáfora do “tesouro em vasos de barro”, apresentada em II Coríntios 4:7, constitui uma das imagens mais expressivas da teologia paulina acerca da relação entre a fragilidade humana e o poder divino. Ao declarar que “temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós”, Paulo estabelece um contraste intencional entre a preciosidade da mensagem do evangelho e a limitação daqueles que foram chamados para anunciá-la (Kruse, 1994).

O contexto da cidade de Corinto contribui para a compreensão dessa figura de linguagem. Os recipientes de barro eram objetos comuns no cotidiano da população, utilizados para armazenar alimentos, líquidos e até mesmo objetos de valor. Apesar de sua utilidade, eram caracterizados pela simplicidade, baixo custo e extrema fragilidade. Segundo Boor (2004), era comum que tesouros fossem armazenados em recipientes desgastados e aparentemente sem valor, justamente para evitar a atenção de possíveis saqueadores. Paulo apropria-se dessa realidade conhecida pelos coríntios para transmitir uma verdade espiritual profunda: o valor não está no recipiente, mas no conteúdo que ele transporta.

A palavra grega θησαυρὸν (thesauros), traduzida como “tesouro”, refere-se àquilo que possui grande valor, riqueza ou preciosidade (Mounce, 2012). No contexto imediato da perícope, esse tesouro está relacionado à revelação da glória de Deus manifestada em Jesus Cristo e ao evangelho confiado aos apóstolos para proclamação ao mundo (Champlin, 2014). Dessa forma, Paulo enfatiza que a mensagem da salvação constitui a verdadeira riqueza espiritual confiada aos servos de Deus.

Em contraste, a expressão ὀστρακίνοις σκεύεσιν (vasos de barro) simboliza a condição humana marcada pela vulnerabilidade, limitação e transitoriedade. A imagem remete à narrativa da criação descrita em Gênesis 2:7, na qual o ser humano é formado do pó da terra, destacando sua dependência do Criador (Champlin, 2014). Para Davidson (1997), Paulo utiliza essa figura para de-

monstrar que os mensageiros do evangelho não possuem poder em si mesmos; ao contrário, são instrumentos frágeis por meio dos quais Deus decide manifestar sua grandeza.

A escolha dessa metáfora revela um princípio fundamental da teologia paulina: Deus frequentemente utiliza aquilo que é considerado fraco para revelar a sua força. O apóstolo compreende que as limitações humanas não representam obstáculos para a ação divina, mas oportunidades para que a soberania e o poder de Deus sejam evidenciados. Nesse sentido, o sofrimento, as perseguições e as dificuldades enfrentadas durante o ministério não diminuem a eficácia do evangelho; pelo contrário, tornam ainda mais evidente que os resultados alcançados procedem da ação divina e não da capacidade humana (Horton, 2006).

Ao utilizar a expressão “para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós”, Paulo reafirma que o sucesso do ministério cristão não pode ser atribuído à força, inteligência ou habilidade dos seus mensageiros. A origem, a sustentação e os frutos do evangelho pertencem exclusivamente a Deus. Conforme observam Greathouse, Metz e Carver (2006), o contraste entre tesouro e vaso de barro evidencia que a glória deve ser direcionada ao Senhor, uma vez que a fragilidade humana se torna o cenário onde a graça divina atua de forma mais evidente.

Essa compreensão possui implicações significativas para a experiência cristã contemporânea. Em uma cultura frequentemente orientada pela busca da autossuficiência e do desempenho individual, a metáfora paulina recorda que a eficácia espiritual não depende da ausência de fraquezas, mas da presença de Deus na vida do crente. Assim, a fragilidade humana não deve ser interpretada como sinal de fracasso ou abandono, mas como espaço para a manifestação da graça e do poder divinos.

Portanto, a imagem do tesouro em vasos de barro sintetiza uma das principais mensagens da perícopes de II Coríntios 4:7-15: embora os servos de Deus sejam limitados e vulneráveis, carregam consigo a mensagem mais preciosa do evangelho. É justamente por meio dessa aparente contradição entre fraqueza e poder que Deus revela sua glória, demonstrando que a excelência da obra realizada pertence exclusivamente a Ele.

PERSEVERANÇA EM MEIO ÀS ADVERSIDADES: OS PARADOXOS DO SOFRIMENTO CRISTÃO

Após apresentar a metáfora do tesouro em vasos de barro, Paulo descreve a realidade do sofrimento presente em sua trajetória ministerial por meio de quatro expressões paradoxais registradas em II Coríntios 4:8-9: “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos”. Essas declarações sintetizam a compreensão paulina acerca da relação entre sofrimento humano e sustento divino, demonstrando que as adversidades não possuem a capacidade de interromper os propósitos de Deus na vida dos seus servos.

Os versículos refletem experiências concretas vivenciadas pelo apóstolo ao longo de seu ministério. Em diversos momentos, Paulo foi submetido a prisões, açoites, perseguições religiosas, naufrágios, fome, frio e constantes ameaças de morte, circunstâncias relatadas detalhadamente em II Coríntios 11:23-33 (Kruse, 1994). Entretanto, sua narrativa não enfatiza a derrota, mas a atuação contínua de Deus em meio às dificuldades enfrentadas.

A primeira expressão, “atribulados, mas não angustiados”, descreve situações de intensa pressão externa. O verbo utilizado por Paulo remete à ideia de ser comprimido ou pressionado por circunstâncias adversas (Rienecker; Rogers, 1995). Segundo Lopes (2007), a imagem sugere alguém cercado por dificuldades de todos os lados, como se estivesse em um espaço cada vez mais estreito. Todavia, o apóstolo afirma que essa pressão não o conduzia ao colapso espiritual. Embora enfrentasse tribulações constantes, encontrava em Deus a força necessária para permanecer firme em sua missão. Horton (2006) observa que Paulo estava pressionado, mas nunca encurralado a ponto de perder completamente a esperança ou a capacidade de prosseguir.

O segundo paradoxo, “perplexos, mas não desesperados”, revela a dimensão emocional e intelectual do sofrimento cristão. A perplexidade indica momentos de dúvida, incerteza e dificul-

dade para compreender os acontecimentos. Em diversas ocasiões, Paulo se viu diante de situações que ultrapassavam sua compreensão humana, sendo obrigado a confiar integralmente na providência divina (Champlin, 2014). Contudo, a perplexidade não se transformava em desespero. Ainda que não compreendesse plenamente os caminhos percorridos, o apóstolo permanecia convicto da fidelidade de Deus. Essa distinção demonstra que a fé cristã não elimina os questionamentos humanos, mas impede que eles conduzam à perda da esperança.

O terceiro contraste, “perseguidos, mas não desamparados”, reflete uma das características mais marcantes da experiência apostólica. Desde sua conversão, Paulo enfrentou oposição por parte de autoridades religiosas, governantes e diversos grupos hostis à propagação do evangelho (Horton, 2006). A perseguição era uma realidade constante em sua caminhada missionária. Entretanto, o apóstolo reconhece que jamais esteve sozinho. Mesmo quando abandonado por companheiros ou ameaçado por adversários, permanecia sustentado pela presença de Deus. Conforme destaca Henry (2002), os servos de Deus podem ser rejeitados pelos homens, mas nunca são abandonados pelo Senhor.

Por fim, Paulo afirma ser “abatido, mas não destruído”. A expressão remete à imagem de alguém derrubado em combate, atingido pelas circunstâncias ou aparentemente vencido pelas adversidades (Rienecker; Rogers, 1995). Contudo, a queda não representa destruição definitiva. O apóstolo reconhece que os sofrimentos provocavam desgaste físico, emocional e espiritual, mas não possuíam poder para anular a obra de Deus em sua vida. Segundo Champlin (2014), mesmo diante de situações extremas, Paulo compreendia que a derrota definitiva era impossível para aquele que permanecia unido a Cristo.

Os quatro paradoxos apresentados pelo apóstolo evidenciam uma importante dimensão da espiritualidade cristã: a coexistência entre sofrimento e esperança. Paulo não minimiza a realidade das adversidades nem apresenta uma visão triunfalista da vida cristã. Pelo contrário, reconhece a intensidade das aflições enfrentadas, mas demonstra que elas não possuem a palavra final. Em todas as situações descritas, a intervenção divina atua como elemento transformador, impedindo que a tribulação se converta em derrota definitiva.

Nesse sentido, os paradoxos de II Coríntios 4:8-9 revelam que a perseverança cristã não se fundamenta na ausência de dificuldades, mas na certeza da presença de Deus em meio às adversidades. A experiência de Paulo demonstra que a fé não elimina o sofrimento, mas oferece significado, esperança e fortalecimento para enfrentá-lo. Assim, as adversidades deixam de ser interpretadas apenas como experiências negativas e passam a ser compreendidas como oportunidades para a manifestação da graça e do poder divinos na vida do crente.

OS PROPÓSITOS DE DEUS NAS ADVERSIDADES: UMA LEITURA TEOLÓGICA DE II CORÍNTIOS 4:10-15

Após descrever a realidade do sofrimento presente em sua experiência apostólica, Paulo aprofunda sua reflexão ao apresentar os propósitos espirituais das adversidades. Nos versículos 10 a 15, o apóstolo demonstra que o sofrimento não deve ser compreendido apenas como consequência das limitações humanas ou das circunstâncias hostis enfrentadas pelos cristãos, mas como parte de um processo por meio do qual Deus manifesta sua vida, fortalece a fé e promove sua glória.

Inicialmente, Paulo afirma que os cristãos trazem continuamente em seus corpos “o morrer de Jesus”, para que também a vida de Cristo seja manifestada neles (2 Co 4:10). Essa declaração estabelece uma profunda identificação entre os sofrimentos experimentados pelos discípulos e aqueles vivenciados pelo próprio Cristo durante seu ministério terreno. Segundo Coenen e Brown (2004), a expressão utilizada por Paulo remete à constante exposição à morte, ao desgaste físico e às aflições decorrentes da fidelidade ao evangelho. Dessa forma, o sofrimento não é visto como um acontecimento isolado, mas como uma participação na trajetória de Cristo.

Ao longo de seu ministério, Paulo compreendeu que servir ao evangelho implicava enfrentar rejeições, perseguições e inúmeros desafios. Entretanto, essas experiências não possuíam finalidade destrutiva. Pelo contrário, permitiam que a vida de Cristo fosse revelada de maneira mais evidente por meio daqueles que permaneciam fiéis à sua missão (Cabral, 2010). Horton (2006) destaca que,

assim como Jesus enfrentou sofrimento e morte antes da manifestação plena de sua glória, os seus seguidores também são chamados a trilhar um caminho de perseverança, sustentados pela esperança da ação divina.

Nesse contexto, Paulo apresenta um importante paradoxo teológico: enquanto a morte opera nos servos de Deus, a vida é comunicada àqueles que recebem a mensagem do evangelho (2 Co 4:12). O sofrimento apostólico torna-se, portanto, instrumento para a propagação da vida espiritual. Kruse (1994) observa que a disposição de Paulo em enfrentar adversidades estava diretamente relacionada à convicção de que sua dedicação ao ministério contribuía para que outras pessoas conhecessem a graça salvadora de Cristo. Assim, as tribulações não eram interpretadas como experiências sem propósito, mas como parte do plano divino para alcançar vidas por meio da proclamação do evangelho.

Outro propósito evidenciado na perícope está relacionado ao fortalecimento da fé. Em II Coríntios 4:13, Paulo declara possuir o mesmo espírito de fé mencionado pelo salmista ao afirmar: “Cri, por isso falei”. A referência ao Salmo 116 demonstra que a confiança em Deus permanece firme mesmo em contextos marcados pelo sofrimento e pela incerteza. Segundo Horton (2006), Paulo encontra no testemunho das Escrituras a confirmação de que a fé genuína não depende das circunstâncias favoráveis, mas da confiança na fidelidade de Deus. Dessa maneira, as adversidades tornam-se ocasiões em que a fé é exercitada, fortalecida e amadurecida.

Além disso, o texto aponta para a esperança da ressurreição como um dos principais fundamentos da perseverança cristã. Ao afirmar que aquele que ressuscitou Jesus também ressuscitará os seus servos (2 Co 4:14), Paulo desloca o olhar dos leitores das dificuldades presentes para a realidade futura da redenção completa. A ressurreição de Cristo representa a garantia de vitória sobre a morte e sobre todas as formas de sofrimento humano (Kruse, 1994). Conforme observa Lopes (2007), essa esperança não elimina as aflições do presente, mas oferece significado e consolo diante delas, permitindo que os cristãos enfrentem as adversidades com confiança e perseverança.

Nos versículos finais da perícope, Paulo amplia ainda mais sua compreensão acerca do sofrimento ao relacioná-lo à multiplicação da graça divina. Segundo o apóstolo, todas as circunstâncias

enfrentadas em seu ministério contribuíam para que mais pessoas fossem alcançadas pela graça de Deus e, conseqüentemente, produzissem ações de graças para a sua glória (2 Co 4:15). Nesse sentido, o sofrimento assume uma dimensão comunitária e missionária, ultrapassando os limites da experiência individual. A adversidade torna-se um instrumento por meio do qual Deus expande sua obra, alcança vidas e manifesta sua misericórdia entre os seres humanos (Kruse, 1994).

Essa perspectiva encontra respaldo na compreensão teológica de que o sofrimento pode atuar como agente de aperfeiçoamento espiritual. Champlin (2014) argumenta que as dificuldades enfrentadas pelos crentes possuem potencial para promover crescimento, maturidade e dependência de Deus. Em vez de afastar o cristão da fé, as adversidades podem conduzi-lo a uma experiência mais profunda de confiança, obediência e comunhão com o Senhor.

Dessa forma, a análise de II Coríntios 4:10-15 permite compreender que os propósitos de Deus nas adversidades vão além da simples superação das dificuldades. Segundo a teologia paulina, o sofrimento contribui para a identificação do crente com Cristo, fortalece a fé, testemunha a ação do evangelho, alimenta a esperança da ressurreição e promove a multiplicação da graça para a glória de Deus. As adversidades, portanto, não representam evidências do abandono divino, mas oportunidades para que o poder, a graça e os propósitos de Deus sejam revelados de maneira mais profunda na vida daqueles que nele confiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender os propósitos de Deus nas adversidades a partir da análise exegética de II Coríntios 4:7-15. Por meio da aplicação do método histórico-gramatical e da análise do contexto histórico, literário e teológico da perícope, foi possível identificar que a compreensão paulina do sofrimento transcende uma perspectiva meramente circunstancial, apresentando as adversidades como parte integrante da experiência cristã e como instrumento de manifestação da ação divina.

A metáfora do “tesouro em vasos de barro” revelou-se central para a interpretação do texto, ao evidenciar o contraste entre a fragilidade humana e a excelência do poder de Deus. Paulo compreende que os servos de Deus são limitados e vulneráveis, mas carregam consigo a preciosa mensagem do evangelho. Dessa forma, a eficácia do ministério cristão não está fundamentada nas capacidades humanas, mas na atuação soberana de Deus, que se manifesta precisamente em meio às fraquezas e limitações dos seus servos.

A análise dos paradoxos apresentados nos versículos 8 e 9 permitiu compreender que o sofrimento não constitui evidência de abandono divino. Embora atribulado, perplexo, perseguido e abatido, Paulo experimenta continuamente o sustento de Deus, demonstrando que a presença divina transforma as adversidades em oportunidades de perseverança e fortalecimento espiritual. Nesse sentido, a fé cristã não elimina a realidade do sofrimento, mas oferece significado e esperança para enfrentá-lo.

Os versículos 10 a 15 ampliam essa compreensão ao revelar que as adversidades possuem finalidades espirituais específicas. O sofrimento contribui para a identificação do crente com Cristo, fortalece a fé, evidencia a esperança da ressurreição e favorece a propagação do evangelho. Além disso, Paulo demonstra que a graça de Deus pode ser multiplicada por meio das experiências de dor e tribulação, resultando em ações de graças e na glorificação do próprio Deus.

Conclui-se, portanto, que os propósitos de Deus nas adversidades, segundo a perspectiva apresentada em II Coríntios 4:7-15, estão relacionados à manifestação do seu poder, ao amadurecimento da fé, à formação espiritual dos crentes e à expansão da sua graça. A perícopé analisada oferece uma relevante contribuição para a compreensão da teologia paulina do sofrimento, demonstrando que as adversidades não representam o fim da ação divina, mas podem constituir instrumentos pelos quais Deus realiza seus propósitos redentores e manifesta sua glória na vida dos que nele confiam.

REFERÊNCIAS

BOOR, Werner de. Carta aos Coríntios. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.

CABRAL, Elienai. 2 Coríntios: eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. v. 4. São Paulo: Hagnos, 2014.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DAVIDSON, Francis. O Novo Comentário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2012.

FRIBERG, Timothy; FRIBERG, Barbara. O Novo Testamento Grego Analítico. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. Léxico do Novo Testamento Grego/Português. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GREATHOUSE, William M.; METZ, Donald S.; CARVER, George F. Comentário Bíblico Beacon: Romanos e 1 e 2 Coríntios. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

HARVEY, John D. Interpretação das Cartas Paulinas. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HENRY, Matthew. Comentário Bíblico de Matthew Henry. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

HORTON, Stanley M. I e II Coríntios: os problemas da igreja e suas soluções. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

KRUSE, Colin G. 2 Coríntios: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LOPES, Hernandes Dias. 2 Coríntios: o triunfo do homem de Deus diante das dificuldades. São Paulo: Hagnos, 2007.

MOUNCE, William D. Léxico Analítico do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova, 2012.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. Chave Linguística do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova, 1995.

STEIN, Robert H. Guia Básico para a Interpretação da Bíblia. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.